



PREFÁCIO

Mara Regina Lemes de Sordi

Como citar: SORDI, M. R. L.; Prefácio *In:* FILHO, A. T.; RAPHAEL, H. S. **Ensino superior noturno: problemas, perspectivas e propostas.** Marília: Ed. FUNDEPE, 2009. p.95-112. DOI: <https://doi.org/10.36311/2009.978-85-98176-23-9>. p.9-13



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Prefácio

Atribuo um significado muito especial a esta obra que, com enorme prazer, prefacio. Tratam seus autores de um tema socialmente relevante, qual seja o ensino superior noturno.

Alvo de críticas nem sempre fundadas, algumas das quais assentadas em uma visão elitista de qualidade de ensino superior, o ensino noturno tem se tornado, muitas vezes, a possibilidade disponível (quando não única) para que determinados grupos sociais possam continuar aprendendo, ainda que concentrados em determinadas áreas do conhecimento e em instituições de ensino privadas, predominantemente.

As estatísticas continuam apontando a defasagem acentuada da quantidade de jovens brasileiros que consegue chegar ao nível superior de ensino, contrastada com as realidades mundial e latino-americana, mesmo quando se anuncia/denuncia o desenfreado crescimento do número de vagas oferecido para oportunizar o acesso dos estudantes à educação superior.

Se não conseguimos responder por ora, adequadamente, a este importante indicador de desenvolvimento social de uma nação, em um mundo altamente excludente e sujeito a processos de mudanças aceleradas, isso nos desafia a refletir sobre como tem sido planejada a expansão dos cursos noturnos e, de modo não discriminatório, buscar entender seu significado social. Simultaneamente, na medida em que a qualidade em educação, qualquer que seja o nível, não é princípio negociável, a problematização e construção de estratégias de superação das eventuais fragilidades que acompanham as propostas dos cursos são imperativas.

Este minucioso debruçar sobre os cursos noturnos, cujos estudos se mostram ainda incipientes, não pode se restringir, no entanto, aos aspectos pedagógicos ou metodológicos dos cursos. Igualmente não será suficiente refletir sobre o perfil dos alunos que a eles acorre, apelando para uma certa condescendência pedagógica porque estes (alunos) não conseguem acompanhar as atividades curriculares previstas à semelhança de seus pares.

Mesmo reconhecida a necessidade de se repensar o trabalho pedagógico desenvolvido junto aos estudantes trabalhadores, sobretudo dos cursos noturnos, a

complexidade que afeta esta realidade ultrapassa o território escolar. As condições ligadas ao entorno social das instituições de ensino superior, ainda que de forma tão não visíveis, acabam por restringir ou afetar o acesso deste segmento ao conhecimento que dentro das escolas circula. E por razões que, aparentemente, pouco tem a ver com decisões escolares.

Este livro aborda, com base em evidências concretas extraídas da investigação em instituições de ensino diferenciadas, os constrangimentos que os estudantes dos cursos noturnos enfrentam, antes até de chegarem ao estabelecimento de ensino.

Não desconhecemos que o crescente interesse por vagas em cursos noturnos está muito ligado às necessidades materiais dos estudantes que os obriga a conciliar estudo/trabalho. Admitir a existência desta marca que caracteriza, em geral, o estudante dos cursos noturnos, não tem repercutido em ações concretas, intra e extrainstitucionais, que levem em conta as condições objetivas que os afetam durante o processo de formação universitária.

Disto deriva um alerta para os formuladores de políticas públicas, para os gestores universitários, para os professores dos cursos em geral, sejam estes oferecidos em instituições públicas ou privadas, situadas na capital ou no interior. Não convém analisar o que se passa na sala de aula universitária sem estabelecer as relações com as raízes sociais que afetam este fenômeno.

A questão da qualidade do ensino universitário, notadamente nos cursos noturnos, exige uma postura radical de todos atores sociais interessados na democratização do acesso ao ensino superior, devidamente acompanhada da apropriação dos saberes necessários para uma inserção no mundo do trabalho diferenciada.

Este enfoque é privilegiado neste trabalho que tenta recompor o quadro que complexifica a realidade dos alunos trabalhadores dos cursos noturnos. Ao assumir uma perspectiva de globalidade na análise deste fenômeno, faz emergir, de modo original, um conjunto de aspectos que ao se manter acobertado, tem imposto prejuízos concretos aos estudantes.

Supostamente beneficiados pela possibilidade de prosseguir seus estudos e angariar condições para enfrentar, de forma mais equânime, a luta para se inserir em uma sociedade que tem a competitividade como marca, os estudantes dos cursos noturnos, em sua maioria “trabalhadores alunos” e “alunos-trabalhadores”, precisam vencer muitas batalhas rumo ao seu sonho de ascensão social. E estas começam desde a saída do trabalho até a tentativa de chegar ao curso, enfrentando todo tipo de problema que se imagine. Congestionamentos de trânsito, manifestações

populares na cercania dos cursos, inflexibilidade dos horários de saída do trabalho, problemas climáticos, problemas de segurança, vazios da legislação trabalhista, de forma isolada ou associada, impõe aos estudantes forte carga de estresse no percurso trabalho/faculdade/casa.

Não é nada fácil chegar ao curso depois de um dia de trabalho nem tampouco convencer os professores das lutas travadas desde o início do dia e que culminam com a chegada no recinto educativo. Vencida esta etapa, e em situação de segurança no estabelecimento de ensino, os alunos são surpreendidos com nova carga de pressão emocional.

Os atrasos impedem-nos da realização de uma série de atividades acadêmicas que vão desde o direito de assistir as aulas e ter sua frequência reconhecida até restrições na participação da avaliação da aprendizagem ou na entrega dos trabalhos. Da repetição destas cenas, decorre o processo nada sutil de etiquetamento dos alunos que, subliminarmente, vão sendo classificados como bons e maus, interessados e displicentes, sem que se contextualizem as razões de seus problemas.

Associam-se ainda os aspectos da legislação que não dão conta de proteger os interesses dos trabalhadores/estudantes e que permanecem presos a uma cultura do passado onde a necessidade de conciliação trabalho/escola não era problema usual. Bem poucos tinham acesso à educação superior e, quando o faziam, podiam se dedicar a esta formação sem as contradições que hoje acompanham a realidade de vida da maioria da população brasileira. Isto faz com que a dupla/tripla jornada passe de exceção à regra na vida cotidiana de milhares de pessoas.

A democratização do acesso à educação superior não veio acompanhada de transformações das condições de vida dos estudantes e nem implicaram igual cuidado com a democratização do conhecimento.

A posse de um título universitário não pode ser confundida como sinônimo de acesso legítimo ao conhecimento que nos espaços educativos deve circular. Isso faz nítida diferença na rota de êxito ou fracasso social dos estudantes recém admitidos ao nível superior do ensino. Ou se agrega a este acesso dos alunos, o compromisso com o legítimo direito de aprender, ou nos cabe aceitar que podemos estar apenas, interiorizando a exclusão de segmentos expressivos de nossa sociedade. Trazendo-os para dentro da universidade sem garantir condições mínimas para que aprendam é como se apenas estivéssemos postergando sua exclusão futura, delegando ao mercado a chancela de dizer quem tem competência ou não, repetindo uma vez mais a lógica meritocrática tão típica de nossa sociedade.

Nesta obra, a situação dos cursos noturnos é tratada de forma instigante, enfocando preliminarmente as políticas que orientam o ensino superior noturno e as tendências de crescimento do setor e sua insuficiência para dar conta do contingente de jovens/adultos ainda impedidos de prosseguir estudos neste nível. A seguir, retrata o perfil destes alunos confirmando-os como trabalhadores em sua expressiva maioria assim como torna evidentes suas expectativas sociais e o significado da certificação escolar.

Prosseguindo, os autores trazem importantes subsídios para o entendimento da realidade dos cursos noturnos e das especificidades de seus alunos ao incorporarem ao debate as relações indissociáveis entre o intramuros e o extramuros. O entorno educacional é trazido à cena como categoria fortemente atuante nos cursos noturnos. *“Se o intramuros contempla a sala de aula e a instituição organizacional chamada escola, o extramuros pode ser estudado também por duas dimensões: o sistema educacional no qual a instituição está inserida (representando o nível macro de políticas e leis que direcionam suas atividades) e o entorno educacional, relativos aos aspectos de integração com a comunidade e sociedade, envolvendo aspectos que vão desde as condições de acesso (trânsito e transporte público) passando pela legislação trabalhista e chegando às questões de segurança pública relacionadas à locomoção do estudante da/para a instituição de ensino”*.

Os autores descrevem, pormenorizadamente, como os estudantes padecem de falta de condições mínimas necessárias para que a aprendizagem possa ocorrer de forma equânime e revelam, com base em investigação realizada em três instituições de ensino, a falta de logística para que alunos do curso noturno possam, em condição de igualdade, usufruir os recursos institucionais existentes.

O funcionamento em horários que desconsideram a especificidade deste segmento impõe-lhes novos prejuízos inclusive no campo da saúde física e mental, fazendo-os escolher entre alimentar-se ou ir a biblioteca ou tesouraria; assistir aulas ou usar laboratório de informática ou serviços de reprodução. Como os autores assumem *“o centro nervoso do trabalho não é proteger o estudante do período noturno, pelo contrário, mas de entender as dificuldades que permeiam seu dia a dia, identificar alternativas que visem contribuir para sua saúde, conforto e segurança a fim de facilitar seu desenvolvimento humano, cultural e profissional, contribuindo assim, para a formação do cidadão e do profissional do século XXI que competirá no mundo globalizado”*.

Acrescido a todos estes problemas, surgem as idiossincrasias da forma de organização do trabalho pedagógico privilegiada e que parece desconhecer o

perfil desta clientela, mostrando-se excessivamente expositiva e pouco problematizadora dos conteúdos. Parece possível afirmar que os projetos pedagógicos dos cursos noturnos, em geral, pouco ou nada alteraram sua dinâmica curricular em que pesem as condições diferenciadas de seus alunos e estes, por sua vez, tendem a acatar, de forma passiva, esta disfuncionalidade. *“O numeroso grupo de milhões de estudantes do ensino superior do período noturno no país é disperso, pouco articulado e ausente de lideranças, enfraquecendo o poder de pressão para a conquista de potenciais concessões para os estudantes trabalhadores”.*

Os autores finalizam sinalizando que algumas contradições fortemente presentes nos cursos noturnos, tendem a se reproduzir também nos cursos diurnos e atinge além dos estudantes, os professores que atuam nestas instituições de ensino. Confirma-se a urgente necessidade de tomada de posição frente a este problema social, o que permitirá atuar, de forma integrada e intersetorial sobre a situação.

Esta obra subsidia densas reflexões sobre tema de interesse social inquestionável e acresce aos reconhecidos problemas do ensino noturno, abordagens originais que ampliam o número de leitores que dela possam se beneficiar e, que a partir dela, inspirados por suas provocações, rigorosa e cientificamente demonstradas, possam colocar-se a serviço de uma educação superior oferecida aos trabalhadores, sobretudo nos cursos noturnos, detentora de qualidade e devidamente sustentada por políticas públicas que não desconsiderem o impacto do entorno social nas possibilidades educacionais oferecidas aos estudantes brasileiros.

Mara Regina Lemes De Sordi
Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP